

Os estudos etnográficos nas páginas do Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (1918-1925)

Megi Monique Maria Dias*

Resumo: Esta pesquisa pretende identificar, a partir da análise das publicações do Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP) durante o período entre 1918-1925, a dimensão e a relevância dos estudos etnográficos. Além disso, através da realização desse estudo é possível perceber quais são os intelectuais que contribuem para a discussão etnográfica, bem como os princípios que nortearam a escrita etnográfica praticada no Paraná em princípios do século XX. Desta maneira, dentre outros objetivos, busca-se apresentar os temas, os objetos, as influências, as discussões e os principais intelectuais envolvidos nessa atividade.

Palavras-chave: IHGP; Estudos Etnográficos; Século XX;

Ethnographic studies on pages of Bulletin of the Parana's Historic and Geographic Institute

Abstract: This research intends to identify from the analysis publications of Bulletin of the Parana's Historic and Geographic Institute (IHGP), during the period between 1918-1925, the dimension and relevance of ethnographic studies. Furthermore, it is possible to realize who are the intellectuals who contribute to ethnographic argument and which are the values that oriented the ethnographic writing in the state of Paraná in the beginning of the 20th century. In this way, the aim is to present subjects, objects, influences, arguments and the main intellectuals involved in this historiographic activity.

Key-words: IHGP; Ethnographic Studies; 20th century;

* Megi Monique Maria Dias. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História (UNICENTRO/PR); E-mail: megidias1@gmail.com.

Introdução

O desenvolvimento dos estudos etnográficos no Brasil está intimamente ligado às orientações oriundas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Os estudos etnográficos tiveram início no Brasil a partir das iniciativas pioneiras do IHGB e, ao longo do tempo, esse conhecimento sofreu transformações que foram sentidas nas primeiras décadas do século XX. Neste sentido, o Instituto foi “fundado com o objetivo de escrever o passado da recém-fundada nação, a instituição foi responsável por definir também aqueles que seriam considerados brasileiros” (Souza, 2015:131).

Os estudos etnográficos propostos pelo IHGB em princípios do século XX podem ser confirmados com a realização do I Congresso de História Nacional ocorrido no Rio de Janeiro entre 7 e 16 de setembro de 1914, onde os questionamentos referentes à escrita e aos temas da etnografia se fizeram presentes (Guimarães, 2005). Outra atividade desenvolvida pelo IHGB, que auxiliou nossa reflexão sobre o debate etnográfico, foi o I Congresso Internacional de História da América. Esse evento, que aconteceu por ocasião das festividades do Centenário da Independência do Brasil em setembro de 1922 (Guimarães, 2007), reuniu representantes do continente para uma reflexão conjunta sobre os rumos e os povos que habitam o Novo Mundo (Guimarães, 1998:222). Este Congresso representou para os intelectuais brasileiros a possibilidade de uma maior aproximação entre etnografia e antropologia nas propostas temáticas. Dessa forma, a redefinição do fazer etnográfico foi uma necessidade explicativa da realidade nacional.

Em relação ao *I Congresso de História Nacional*, identificamos a divisão em 9 seções de trabalhos que contemplavam variados aspectos da história da pátria permitindo estabelecer questionamentos referentes à escrita da etnografia, principalmente a praticada nos institutos históricos no início do século XX. É importante lembrar que esse evento reservou duas seções à questão etnográfica sob o título de História das Explorações Archeologicas e Ethnographicas¹. Estas seções foram organizadas por Edgar Roquette-Pinto e reuniu cinco teses dedicadas aos temas da etnografia, com destaque para os assuntos sobre o indígena e sobre o negro (Souza, 2013). A realização do evento foi uma atividade proposta pelos sócios do Instituto em

¹ Mais detalhes sobre a importância de Eduardo Roquette Pinto, consultar: (Souza, 2011).

busca de renovação frente às novas exigências inauguradas com a República. Segundo Guimarães (2007), a seção de etnografia era voltada “para o exame dos elementos constitutivos da formação étnica da população brasileira” (Guimarães, 2007: 155).

Já o I Congresso Internacional de História da América aconteceu por ocasião das festividades do Centenário da Independência do Brasil (Guimarães, 2007:33) reunindo representantes do continente para uma reflexão conjunta sobre os assuntos relacionados aos rumos históricos do Novo Mundo. Neste evento, optou-se pelo campo da história geral e, além disso, verifica-se uma fusão das áreas da história das explorações geográficas com as arqueológicas e etnográficas. Outros campos da história privilegiados foram: história constitucional e administrativa; história econômica; história militar; história literária e das artes. Portanto, mostra-se como aspecto principal a gama variada dos temas e das abordagens realizadas contemplando desde debates sobre as sociedades pré-colombianas até episódios recentes da diplomacia do continente, sendo que outros autores procuravam focalizar problemáticas comuns aos países americanos (Guimarães, 2005).

É possível afirmar, portanto, que o I Congresso Internacional de História da América representou uma tentativa dos intelectuais brasileiros de aproximar debates etnográficos e antropológicos em suas temáticas de modo que percebe-se uma redefinição do fazer etnográfico como uma necessidade explicativa da realidade nacional.

Cabe lembrar que a etnografia teve um espaço privilegiado e foi destaque entre as questões debatidas no IHGB no período das primeiras décadas do século XX de modo que eram privilegiadas as discussões a partir de uma perspectiva da antropologia física e biológica. No entanto, o objeto da etnografia não se limitaria mais as “tribus” e aos “aborígenes” estudados no oitocentos, pois os problemas encontrados no país se ampliaram para além do assunto indígena. Assim, o etnógrafo precisava preocupar-se com os negros após abolição, com os emigrantes europeus e com a composição de um tipo brasileiro (Souza, 2013:5).

Notamos, portanto, que a etnografia praticada ao longo do século XX deixava de ser uma disciplina centrada apenas no debate sobre o indígena alcançando outros temas, tais como os descritos acima. Outra percepção é a de que alguns conceitos se

mostram centrais na composição do discurso etnográfico no período. Indígenas, negros e brancos são classificados por critérios raciais considerados determinantes no desenvolvimento psíquico, moral, intelectual e material dos povos. Além disso, há destaque para o lugar ocupado por esses sujeitos históricos em relação à civilização (Souza, 2013:7).

Desta maneira, os elementos étnicos que formaram a sociedade brasileira foram transformados em objetos de estudo da etnografia que delimitava suas abordagens, sobretudo com relação ao futuro das raças no processo de desenvolvimento do país. Por isso, é importante conhecer o saber etnográfico disponível nas duas primeiras décadas do século XX, especialmente o oriundo das iniciativas pioneiras do IHGB que inspiravam e ajudavam a consolidar a prática desse conhecimento Brasil afora. Seguindo tais preceitos, os intelectuais do Instituto Histórico e Geographico Paranaense buscaram dar extensão aos objetivos de afirmação da identidade coletiva, moderna e civilizada representando uma tentativa de transformar a imagem cultural do Estado. Dentre as possibilidades de análise, é importante pensar os encaminhamentos da escrita etnográfica proposta pelo IHGB, de maneira que seja possível perceber a incorporação desse debate pelo Instituto Paranaense.

No caso do Instituto Paranaense, constata-se que essa problemática esteve presente nos Boletins publicados durante o período analisado entre 1918-1925. Mais tarde, a temática foi incorporada aos demais estudos praticados no instituto e gerou, inclusive, a modificação do nome da instituição, que passou a se chamar, no ano de 1947, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense evidenciando a adesão de outras perspectivas em suas apreciações e produções científicas.

A IV edição do Boletim do, agora, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP), foi publicada somente em janeiro de 1950. A nova edição aparece reunida em quatro fascículos, um deles dedicado à memória de Romário Martins, o segundo homenageando o Visconde de Guarapuava, e os dois outros destinados à comemoração do cinquentenário da fundação do Instituto e da rememoração do centenário histórico do navio Comorant (BIHGPR, 2010: 18-19).

O Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP)

O Instituto Histórico e Geographico Paranaense nasceu sustentado pela aura patriótica de comemoração ao IV Centenário do Descobrimento do Brasil e, simultaneamente, do 47º ano da Instalação da Província do Estado do Paraná. A rigor, esse evento ganhou notoriedade na imprensa local no jornal *A Republica* sendo noticiado como uma solenidade. Divulgada como *Notícia Histórica*, a nota trazia à disposição os nomes de “pessoas que (...) se preocupam com os assumptos de que pretende ocupar-se o Instituto”(BIHGP, 1918:06).

Aglutinador de ideais que se aproximavam dos princípios civilizatórios e patrióticos do período, o Instituto buscava edificar feitos que favoreciam a afirmação da nação. Pensar o Paraná no contexto nacional, neste momento, era refletir sobre os elementos que forjariam sua historicidade, que por sua vez, sempre tenderam para a noção de progresso (Souza, 2002). A Assembleia que aprovou o instrumento normativo do IHGP, através do estabelecimento das propostas em Estatuto e lhe concedeu direito de funcionamento, aconteceu no dia 03 de Junho de 1900, na cidade de Curitiba, mediante a definição dos programas e das atividades que deveriam ser priorizados pelo grêmio.

O reduto paranaense contou com a presença de militares, parlamentares, escritores, jornalistas, engenheiros, médicos, dentre outros profissionais liberais, uma constante entre os sócios, sobretudo nos vinte e cinco anos iniciais de atividade do instituto. Em relação à definição das categorias *Dos Socios*, consta em seu Estatuto que seriam seis: fundadores, efetivos, beneméritos, honorários, correspondentes e auxiliares. Os Estatutos tratam de diversos assuntos, além da coleta de documentos, determinavam diferentes comissões, anunciavam a publicação de um periódico, diziam das finalidades do IHGP, das atividades a serem desempenhadas e dos objetivos ambicionados pela Diretoria. Também organizam a legislação dos sócios, as questões referentes ao Boletim e outras disposições (BIHGP, 1918: 16-21).

Portanto, nota-se que o grupo que se formou em torno dos Boletins era constituído por lideranças do cenário político e militar da sociedade paranaense. Dessa forma, confirma-se que o grupo reunido não só possuía afinidades literárias como

também possuía força política suficiente para fundar uma nova história para um estado criado havia menos de cinquenta anos (Beltrami, 2002:88).

O Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP) entre 1918-1925

Mais do que apresentar a trajetória histórica das produções do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP), nos esforçamos neste momento em descrever parte da história deste periódico. Embora a intenção de publicar um periódico estivesse presente no Estatuto da entidade (Cap. IV, Art. 1, Estatuto Aprovado em 03 de junho 1900), somente dezoito anos após os festejos da inauguração do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP) foi publicado o primeiro periódico da instituição. Esse exemplar, de 1918, significou um momento de modernização das letras paranaense e peculiar na produção de textos científicos. Dando continuidade ao programa do Instituto, o segundo periódico publicado em 1919 completava a proposta dos editores. O terceiro Boletim do IHGP seria publicado somente no ano de 1925, tendo em vista que incidentes concorreram para o adiamento da publicação dessa edição.

Formado por intelectuais que, em sua maioria, eram personalidades de destaque da política nacional, o Instituto tinha como maior preocupação vincular as atividades da entidade com as diretrizes da política oficial. Entretanto, o legado deixado pelos intelectuais através dos boletins do IHGP representou um salto qualitativo para a solução de problemas acerca da história, “[...] geographia, e, por conseguinte, sobre os diversos ramos correlativos a estas sciencias, como a ethnographia, a paleoethnologia, etc” (BIHGP, 1918:7). Para a realização dessa proposta, alguns nomes foram indicados para compor as comissões permanentes, cujas funções consistiam em desenvolver estudos que apontassem o Paraná sob as mais diversas óticas. Portanto, a construção de uma história para o estado incluía os diversos ramos da ciência considerados fundamentais, tais como a geografia, etnografia e a paleonethnologia.

Com relação às comissões permanentes, lembramos que para os estudos de História foram indicados os seguintes nomes:

Dr. Manoel Ignácio Carvalho de Mendonça; Prof. Dario Velloso; Dr. Nilo Cairo; Dr. Cardoso de Gusmão e Dr. Costa Carvalho. A comissão de

Geografia regional foi composta por: Dr. Sebastião Paraná, Dr. José Niepce da Silva, Lindolpho Pombo, Dr. Francisco Gutierrez Beltrão e Dr. Lindolpho Pessoa. Os estudos de Ethnographia e a Arqueologia, ficaram a cargo do Pe. José de Mello, Domingos Velloso, Dr. Arthur Martins Franco, Dr. José Maria Pinheiro Lima. (BIHGP, 1918: 9).

A partir disso, é possível afirmar o periódico publicado pelo Instituto Histórico e Geographico Paranaense como um “veículo condutor de idéias de um grupo, parâmetro para o conhecimento da realidade histórico-social do momento de sua produção” (Luca, 1998:11). Cabe lembrar que a política editorial do IHGP possuía caráter cultural e seus fins eram principalmente científicos.

Os estudos etnográficos nos Boletins do IHGP (1918-1925)

Sobre a dimensão dos escritos etnográficos nas produções científicas dos institutos históricos, é possível perceber que o IHGP seguia as orientações do programa etnográfico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pois acabou incluindo entre as suas discussões e publicações estudos voltados para esta temática, sendo assunto recorrente durante a Primeira República. No Instituto Paranaense, a nova problemática foi incorporada aos demais estudos praticados no grêmio evidenciando a adesão de outras perspectivas em suas apreciações e produções científicas.

Para a realização desse estudo analisamos os textos publicados entre os anos de 1918-1925. Durante a pesquisa localizamos dois artigos divulgados no Boletim do IHGP (1918): *Paleonethnologia* (José Franco Grillo) e *Ligeiras notas sobre a Etnologia Paranaense* (Jayme Dormund dos Reis). Outro artigo localizado foi *Prehistória Brasileira* (Pe. Fernando Taddei), publicado no Boletim do IHGP (1925).

A partir das análises da publicação de José Franco Grillo, podemos constatar a presença dos estudos etnográficos no Boletim do IHGP publicado em 1918. A respeito da formação do autor, é importante lembrar que era médico formado em Napoli, na Itália, também exerceu o cargo de deputado estadual entre os anos de 1902 e 1903 (Rosevics, 2009:84). Sobre o texto, a *Paleonethnologia*, o médico explica que “este novo ramo das sciencias naturaes [...] vae interpretando e revelando-nos a história da humanidade desde a sua infância [...], sendo o elo que liga a Geologia a História”

(BIHGP, 1918:171). Assim, um dos objetivos do autor consistia em conhecer, a partir do estudo da natureza geológica do Paraná, a história dos povos primitivos que habitaram o território paranaense.

Foi a partir da configuração geológica do Paraná que o autor buscou “os vestígios que o homem contemporâneo d’aquellas epochas deixou por entre as camadas ou sobre a superfície da terra” (Grillo, 1918: 175). Deixando os sambaquis na costa paranaense, José Franco Grillo transpôs a Serra e buscou realizar análises através das excursões realizadas às demais regiões a história dos “aborígenes”, “índios vermelhos” (Grillo, 1918:181). Ainda há investigações e reflexões a respeito dos utensílios e das armas que o autor encontrava, de modo a contribuir para suas conclusões sobre as culturas e os modos de vida dos indígenas. Neste ponto, dentre suas intenções, uma das principais consistiu em oferecer uma teoria sobre a ocupação do continente defendendo a tese de que os sambaquis haviam sido suplantados pelos indígenas.

A partir disso, é possível perceber que, para José Franco Grillo, “a Paleoethnologia confunde-se com a Ethnographia, e a Prehistoria com as ephocas anteriores do descobrimento do Brazil” (Grillo, 1918:180). De modo que, ao refletir sobre a história paleoetnológica do Paraná, o autor conclui que os sambaquis, ao entrar em contato com os “índios vermelhos”, foram aos poucos desaparecendo, um “fenômeno etnologicamente indiscutível que as raças inferiores desaparecem em presença das raças superiores” (Grillo, 1918:181).

Disto tudo, portanto, é possível identificar que os desafios impostos pelas teses evolucionistas desenvolvidas na Europa e absorvidas pela etnografias brasileira em meados do século XIX, e princípios do século XX, exigiu o esforço de reinterpretação dos fatos e problemas locais, de onde podemos observar, no texto citado, a preocupação com a descrição de uma identidade racial culminando na construção de um tipo superior e evoluído. Vigente no período da escrita do Boletim do IHGP, esse discurso racial seria desconstruído ao longo do século XX, sobretudo a partir dos anos de 1930, quando as críticas anti-racistas e a adoção de explicações mais sociológicas sobre a história do Brasil passaram a despertar o interesse de setores da intelectualidade nacional (Skidmore, 1976, Schwarcz, 1993).

Nota-se que este é um momento cuja intelectualidade busca alternativa ou justificativa para a população mestiça que compunha o povo brasileiro, indispensável para a construção da nação. No caso do texto extraído do Boletim do IHGP, a temática busca aliar-se a uma tendência científica e histórica nacional.

Nesta mesma vertente, em *Ligeiras notas sobre a Etnologia Paranaense*, publicado no primeiro volume do Boletim do IHGP de 1918, Jayme Dormund dos Reis² indica que a presença dos brancos no Paraná foi fundamental e serviu de instrumento para uma “resultante evolutiva” (BIHGP, 1918:259). Seguindo a tendência dos estudos publicados por médicos brasileiros no início do século XX sobre os grupos sociais brasileiros, ele não foge à regra e realiza análises sob o tom eugenista cujas proposições do determinismo geográfico e racial prevalecem (Rosevis, 2009:99). Tais ideias podem ser confirmadas em sua explanação sobre as etapas de formação que teriam resultado no homem paranaense:

1ª fase: as hordas selvagens, como base fundamental com as suas uniões, depois de guerras sangrentas, entre vencedores e vencidos;

2ª fase: uniões entre selvagens e portugueses;

3ª fase: uniões entre selvagens, portugueses, hespanhoes e alguns africanos;

4ª fase: uniões entre os mestiços, selvagens e africanos; entre aqueles e os europeus da época da pequena imigração;

5ª fase: grande colonização, fraternizando todos os elementos, na grande afan de engrandecer o Paraná (BIHGP, 1918:259).

A evolução do homem nascido no Paraná é ressaltada mediante a defesa da vinda do contingente de imigrantes europeus que, mediante leis e tratados, adentraram e povoaram o território paranaense. A imigração foi uma das preocupações exposta por Jayme Dormund dos Reis,

a vasta região do Paraná hodierno tem o aspecto imponente de um cenário grandioso, a ribalta do qual se apresenta um forte agrupamento de estrangeiros recém instalados em mais de uma centena de prósperos núcleos, (suíços, alemães, russos, austríacos, ingleses, franceses, hespanhoes, belgas, norte americanos, portugueses, búlgaros, noruegueses, húngaros, orientaes – sírios e turcos – argentinos,

² Jayme Dormund dos Reis foi admitido como sócio efetivo do IHGP em 5 de agosto de 1916. Era médico sanitaria e professor (Rosevis, 2009:99).

holandeses, italianos, paraguayos e polacos, galicianos, silesianos, prussianos) [...] cheios de entusiasmo e de solidas esperanças (BIHGP, 1918:124).

Para os autores da época, esses imigrantes branqueariam a população paranaense e contribuiriam para transformar o Brasil naquilo que os intelectuais desejavam e se esforçavam para que fosse: um país de base étnica branca e símbolo de civilidade, tal como era recorrente nas interpretações do período. Em linhas gerais, algumas das diretrizes que orientaram a produção etnográfica de Jayme dos Reis são indicativas da importância do debate desta temática no cenário intelectual naquele momento quando eram estimuladas pesquisas sobre a etnografia e a etnologia com vistas ao entendimento das origens do povo brasileiro.

Verificamos, ainda, que tais estudos são marcados pela concepção de superioridade do elemento branco, com alguma proeminência dos indígenas (como elemento da terra), e pela diminuição do papel do negro na formação do Brasil. Neste aspecto, é evidente que, para o período, era fundamental valorizar a contribuição europeia para a formação racial e civilizacional do país, o que permitia pensar uma nação livre da mácula africana. Os desafios em adequar os interesses científicos aos interesses do país exigia esforço de reinterpretação da realidade social brasileira.

Outro texto que contribui para salientar a inserção do debate etnográfico nos estudos realizados no interior de instituições como o IHGP é o intitulado *Prehistória Brasileira*, publicado no Boletim do IHGP (1925), cujo autor é o Pe. Fernando Taddei (1867-1940)³. No texto, o autor define o significado de prehistória como, “a sciencia que trata de investigar a vida dos povos que ignoravam a arte de escrever” (BIHGP, 1925: 67), também lembra que, esse conhecimento pode ser observado através dos restos materiais das produções deixadas pelo homem primitivo, fosseis antiquísimos, restos arqueológicos ou pré-históricos do Brasil mais recente, a exemplo das armas, adornos, utensílios, estatuetas de barro ou pedras, habitações, pontas de lanças, machados de pedra, sepulturas e até ossos. No Paraná, mereceram destaque os

³Cabe mencionar que o padre foi enviado em missão ao Brasil como diácono, em 1890 tornou-se sacerdote no estado da Bahia. Percorreu diversas regiões do país em missão, tais como Rio de Janeiro, Minas Gerais e por fim o Paraná. Defensor da doutrina católica, Taddei acreditava na educação como meio de propagação da fé e da salvação, tornando-se voz ativa em jornais e revistas da época (Rosevics, 2009).

"*Sambaquis* ou *Tambaquis* (de *Tambá*, ostra, e *quile*, resíduos), isto é, montões de conchas, de beira-mar, muitos dos quaes contem ossos humanos" (BIHGP, 1925: 69).

É possível verificar que, para o autor, um dos desafios para o desenvolvimento de pesquisas sobre a pré-história brasileira é a necessidade da utilização de métodos científicos na coleta de fragmentos, principalmente os que dizem respeito à "escavação, reconstituição, conservação e classificação ou exposição dos achados prehistoricos" (BIHGP, 1925: 67). A confirmação de que o homem do Brasil não ficou inativo antes da chegada dos portugueses no começo do século XVI o fez relatar as descobertas arqueológicas de vários naturalistas que viajaram pelo país, tais como Saint-Hilaire, Peter Wilhelm Lund. Sua defesa da pré-história no território brasileiro tem, ainda, um segundo objetivo: o de exaltar a vida indígena existente no país como a origem do povo.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, podemos afirmar que o debate sobre a constituição étnica da população brasileira foi destaque entre as discussões propostas por alguns intelectuais durante o início do século XX. Neste sentido, a etnografia se configurou como um saber científico cujo espaço privilegiado foi garantido nos debates produzidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde o oitocentos (Turin, 2009; Kodama, 2010). Anteriormente, no século XIX, um dos principais debates da intelectualidade brasileira consistia no entendimento do papel histórico das etnias no processo de consolidação da nação, já que se buscavam alternativas ou justificativas para a população mestiça que compunha o povo brasileiro (Skidmore, 1976, Schwarcz, 1993).

Durante a pesquisa realizada, é possível notar que os estudos etnográficos publicados no Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP) entre 1918-1925 foram influenciados pelos debates etnográficos propostos pelo IHGB. Os exemplos imediatos são os eventos realizados respectivamente em 1914 e 1922, I Congresso de História Nacional e I Congresso Internacional de História da América, cujos assuntos referentes à escrita da história se desdobram para temas relacionados

à etnografia. Neste sentido, é possível afirmar que a aproximação entre etnografia e antropologia se configuraram como propostas temáticas e, de um modo geral, redefinam as diretrizes explicativas da realidade nacional.

Para além dos eventos citados, esta aproximação do debate etnográfico ao fazer histórico é incorporada nas publicações do Instituto Paranaense nos princípios do século XX, inclusive com a criação de comissões específicas para o estudo etnográfico. Posteriormente, com a ascensão do debate no contexto nacional na década de 1950, o Instituto incorpora a etnografia como uma normativa fundamental da instituição, inclusive com a atualização do nome para Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense

Deste modo, é possível concluir que os encaminhamentos dos debates etnográficos identificados nos textos selecionados do Boletim do Instituto Paranaense em princípios do século XX contribuem para a percepção das especificidades que marcam a trajetória da produção etnográfica paranaense.

Referências bibliográficas

Fontes

GRILLO, José Franco. PaleoEthnologia. In: *Boletim do IHGP*, Curitiba: Livraria Mundial, 1918, p. 169-181.

REIS, Jayme Dormund dos. Ligeiras notas sobre a Etnologia Paranaense. In: *Boletim do IHGP*, Livraria Mundial: Curitiba, 1918, p. 245-259.

TADDEI, Fernando. Pré-história Brasileira. In: *Boletim do IHGP*, Empreza Placido e Silva & Cia Ltd: Curitiba, 1925, p. 65-70.

Ata da aprovação em Assembléia dos Estatutos do IHGP, 03 de Junho de 1900. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, Livraria Mundial: Curitiba, 1918, p.16-21.

Bibliografia

BELTRAMI, Rafael C. de C. Da Poesia na Ciência – Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de suas idéias. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR: Curitiba, 2002.

Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, v. 61, 2010. Edição Comemorativa aos 110 anos de fundação do Instituto. Curitiba: Instituto Memória.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 5-27, 1988.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Um olhar sobre o Continente: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Congresso Internacional de História da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 20, 1998, 217-229.

_____. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. *Tempo*, Niterói, vol. 9, n.18, jan./jun. 2005, p. 147-170.

_____. Da escola Palatina ao Silogeu: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938) – Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

KODAMA, Kaori. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 5, n. 2, p. 253-272, maio-ago. 2010.

MENDES, Antônio Celso et. al.; Um século de cultura: História do Centro de Letras do Paraná 1912-2012. Núcleo de Mídia e Conhecimento: Curitiba, 2013.

ROSEVICS, Larissa. *O Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFPR, Curitiba, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, Réne (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco – Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, B. S. L. De; Escritas da etnografia e da história no I Congresso de História Nacional do IHGB (1914). In: Luna Halabi Belchior; Luisa Rauter Pereira; Sérgio Ricardo da Mata (orgs) Anais do 7º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EdUFOP, 2013. p. 1-10.

_____. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no início do Século XX. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Assis, 2015.

SOUZA, Fabrício Leal. *Nação e herói: a trajetória dos intelectuais Paranistas*. Dissertação (Mestrado em História), UNESP: Assis, 2002.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Tese (Doutorado em História das Ciências), Casa de Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2011.

TURIN, Rodrigo. *Tempos cruzados: escrita etnográfica e tempo histórico no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.